

O BOM FILHO...

NESTA EDIÇÃO QUE CELEBRA A MARCA DAS 300 JÁ PUBLICADAS POR IMPRENSA, EX-FUNCIONÁRIOS, COLABORADORES, FONTES E LEITORES FALAM SOBRE A PUBLICAÇÃO

DA REPORTAGEM



Trícia Viñira

“Passei um ano em IMPRENSA. Para mim, foi como uma pós-graduação. Era chefiada por um professor meu da cadeira de televisão da PUC, o Gabriel Priolli, e tinha outros feras ao lado. Era uma sala pequena, tipo três ambientes onde tudo era compartilhado. Também fazia cafezinho... Estagiária sofre [risos]!! Mas também, em pouco tempo, assumi uma coluna muito simpática que tinha - tem ainda? - era a ‘Coleguinhas’, revelando o outro lado dos jornalistas; por exemplo: Luiz Nassif e suas habilidades musicais... Na verdade, o que mais me faz ter esse trabalho com maior orgulho no meu currículo foi ter participado do primeiro ano da revista. Entrei no número 2, vinda da TV Gazeta, e não sabia ainda sobre edição de revistas. Foi como disse: minha pós graduação!”

Astrid Fontenelle, apresentadora do “Saia Justa” e “Chegadas e Partidas”, do canal GNT, ex-estagiária e repórter de IMPRENSA



Divulgação

“Apesar de breve, minha passagem pela revista foi muito interessante, pois eu tinha acabado de chegar a São Paulo – sou de Minas Gerais –, e estava fazendo uma transição de carreira da televisão para o impresso. Certa vez, produzimos uma reportagem sobre as ‘trapalhadas’ na TAM na comunicação durante o caos aéreo. Conteí essa história e no final estava pensando em um título. Escrevi um que brotou na cabeça, mas fiquei na dúvida se estava bom e comecei a mexer. Nisso, o Venceslau olhou o título e disse ‘não mexe não’. O título era: ‘Notícia ruim voa, passageiro nem sempre’. A chamada resumiu bem a nossa cobertura.”

Gabriel Penna, colaborador do LatAm Confidential, serviço de informações e pesquisa do *Financial Times*, e ex-repórter de IMPRENSA

“Uma delas [pautas marcantes] foi quando eu estava de férias na Ásia. Minha avó tinha um restaurante em Bali e eu fui passar as férias com ela em julho de 2001. Em agosto, o Timor-Leste deixou de ser território da Indonésia e o Sérgio Vieira de Mello passou a ser administrador de transição da ONU. Foi um período muito tumultuado, havia uma perseguição com as pessoas que falavam o português e a imprensa estava destruída. Depois que a Indonésia saiu, tentaram retomar o idioma. Quando vi essa movimentação, liguei para o editor e ele me mandou para lá. Eu passei 10 ou 12 dias no Timor-Leste e fiz uma matéria sobre o renascimento da imprensa naquele país [Edição 165]. A matéria saiu na edição de setembro, era para ser capa, mas aconteceu o 11 de setembro. A gente comia pizza, tomava cerveja, saía 2, 3 horas da manhã.”

Pedro Venceslau, repórter de política do *Estadão* e ex-estagiário e editor de IMPRENSA



Arquivo Pessoal

“O meu primeiro contato com a revista IMPRENSA foi logo no lançamento. Foi um fato marcante para todo o mercado de comunicação. Uma revista sobre jornalismo era uma proposta ousada para a época. Chegou nos padrões das melhores revistas do mercado e o time que estava envolvido era de muito prestígio na categoria. Todo mundo não só admirou o projeto, como também apostou nele. No começo, acompanhei como leitor até virar colunista. Eu já acompanhava esse mercado, porque fazia a coluna ‘Vai e vem’ para o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo. Na época, assumi a coluna ‘Misto quente’ e, durante quase dois anos, mostrei a movimentação do mercado. Uma vez por mês ia até a redação de IMPRENSA para conversar com Ari Schneider, diretor de redação da época. Então, eu e a revista estivemos sempre juntos na cobertura desse mercado.”

Eduardo Ribeiro, diretor do Jornalistas & Cia e ex-colunista de IMPRENSA

Divulgação

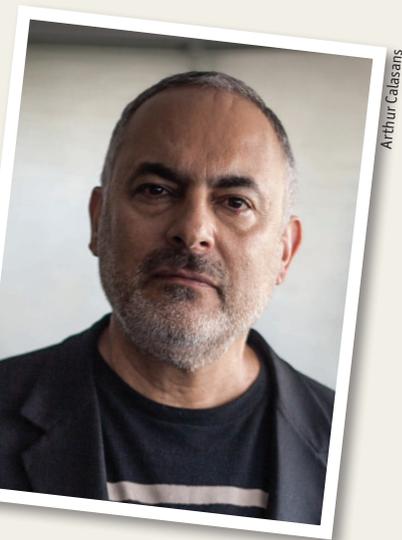


“Como escrevo colunas e faço comentários diariamente também em rádio, graças a Deus não lembro tudo o que escrevi. Senão, a gente morre com tanta informação acumulada, né? Mas, sempre tive muita vaidade de ser colunista da revista IMPRENSA. É um grande orgulho ter feito parte de seus colaboradores. Escrevia sempre sobre o assunto do momento e nunca sofri censura. E vou lhe dizer uma coisa com toda a sinceridade do mundo: não imagino o mercado de comunicação sem a revista IMPRENSA. Pelo grau de qualidade de seus colaboradores, como o professor José Marques de Melo, e pela importância dos debates.”

Adísia Sá, jornalista, *ombudsman* emérita do jornal *O Povo* e ex-colunista de IMPRENSA

Humberto Mota | O Povo

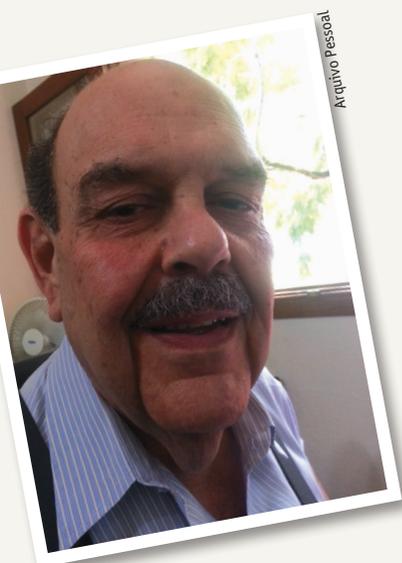




Arthur Calasans

“Minha ligação com a revista IMPRENSA é um engajamento natural na minha história pessoal e profissional da defesa da comunicação brasileira. IMPRENSA é uma escola e um laboratório para os jornalistas e comunicadores, uma disseminadora das discussões relevantes para o setor.”

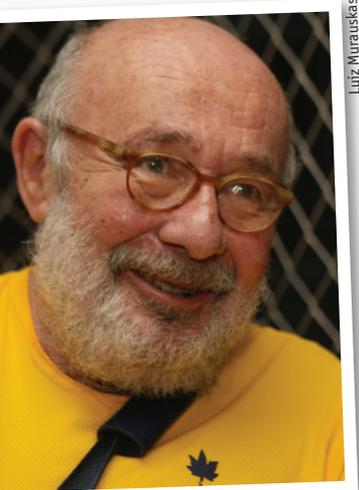
Paulo Nassar, diretor-presidente da Aberje, professor doutor e livre-docente da Universidade de São Paulo, e ex-colunista de IMPRENSA



Arquivo Pessoal

“Quando saiu o primeiro número de IMPRENSA, fiz um comentário seco: ‘Está ótimo. Mas o que vão botar no segundo número?’. Taparam minha boca. Quase 30 anos depois, IMPRENSA continua circulando com sucesso. E por mais de quinze anos com minha colaboração. Tive duas colunas na revista: ‘Defenda-se’, que dava ao público em geral algumas dicas para sobreviver à artilharia dos meios de comunicação; e ‘Torpedos de Mel’, que buscava avaliar a imprensa do ponto de vista dos prejuízos que notícias mal dadas, mal apuradas, mal lidas podem causar às pessoas e empresas. Lembro das duas com muito carinho – mesmo porque, embora tendo o papel de criticar, nunca neguei o amor à minha profissão. Rigidez na busca da verdade, sim; mas evitando sempre o mau humor. Foi bom parar enquanto estava gostando do jogo. Hoje, sou leitor e apreciador. Gosto do que leio.”

Carlos Brieckman, ex-colunista



Lutz Murauskas

“Sempre fui muito bem tratado pela revista IMPRENSA, fizeram matérias grandes comigo. Teve uma época que toda pauta, toda matéria que tinha, os repórteres sempre ligavam para mim. Eu brinquei com o Sinval: ‘desse jeito, você tem que me contratar como colaborador, porque todo mundo fala comigo’. Além da revista, que é muito importante para discutir a profissão da gente – e eu sou leitor desde o número 1 –, os seminários são muito importantes. É o veículo mais antigo para discutir a comunicação no Brasil, e ampliou isso com os seminários. É uma coisa muito boa. Eu só queria registrar os parabéns pela coragem, pela força de manter esse espaço de debate da imprensa aberto por tanto tempo, sempre com bons profissionais, com qualidade. É admirável esse trabalho.”

Ricardo Kotscho, colaborador da revista *Brasileiros*, blogueiro do “Balaio do Kotscho” e fonte recorrente da revista

“Foram muitos os episódios de minha trajetória em IMPRENSA nos anos iniciais da revista. Mas, o maior momento foi a conquista do ‘Prêmio Esso de Informação Cultural’, em 1988. Eu produzi uma reportagem sobre a atividade jornalística de Fernando Pessoa e nem soube que Maneco Canabarro, então diretor de redação, inscreveu o texto no ‘Esso’. Foi maravilhoso ganhar um prêmio de tanta importância; e de surpresa.”

Gabriel Priolli, consultor de comunicação, editor do blog “A Priolli” e ex-diretor de redação de IMPRENSA

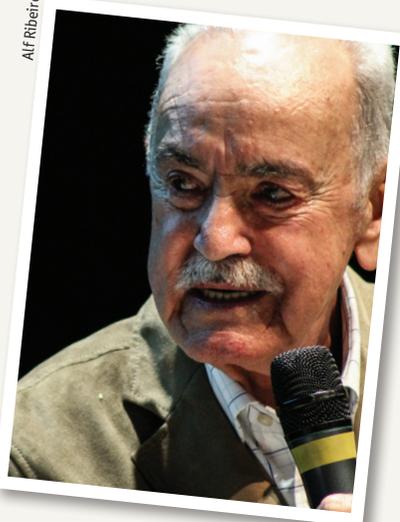
Divulgação



“A revista IMPRENSA presta um serviço muito importante para o jornalismo brasileiro. Os profissionais têm certo cacoete de não falar de si próprio, e IMPRENSA existe para falar desse mundo. Além disso, é um órgão que faz crítica e análise sobre os rumos do jornalismo no país. A publicação está sempre pronta para denunciar abusos, preconceitos, exercendo um papel de ombudsman da imprensa brasileira. Eu já senti a revista IMPRENSA dos dois lados. Estive como autor de colunas e também como entrevistado. Lembro de um artigo que produzi sobre a minha volta ao Vietnã, com o título ‘Três faces do medo’. Voltei para o país pela TV Globo e, logo após o programa ir ao ar, IMPRENSA saiu com a reportagem. A revista deu muito espaço para o texto, com fotos importantes.”

José Hamilton Ribeiro, editor do “Globo Rural” (TV Globo) e ex-colunista de IMPRENSA

Alf Ribeiro



“Quando entrei na revista, trabalhei como produtora do ‘Prêmio Líbero Badaró’. Era a responsável pela divulgação do prêmio nas redações, e as ferramentas disponíveis na época para isso eram o telex, fax e correio! O clima na redação era ótimo. Fiz grandes amizades que trago comigo até hoje. O editor que ficou na minha memória como o predileto foi Luiz Egypto. Engraçado, porque ele me enchia a paciência, me cobrava mil vezes cada coisa que eu tinha para fazer e me chamava de Lelê - e eu odiava esse apelido!. Como vim da produção para a redação, me dava bem com todos e também fiz grandes amigos na área comercial, como Janine Saponara, Ricardo Madeira e Sandra Santos. Devo estar deixando nomes de fora que mereciam ser citados. Coisas da memória, que às vezes nos prega peças.”

Alessandra Vinhas, cônsul-geral adjunta e chefe do setor comercial do Consulado-Geral do Brasil em Vancouver e ex-repórter de IMPRENSA

Divulgação

